

Amor, o Filme - Reflexões



Por Aline Calisto, Kátia Saraiva e Raíssa Santos

O fenômeno demográfico de elevação da expectativa de vida e a maior proporção de idosos nas sociedades geram espanto e suscitam inúmeros debates sobre a velhice e o processo de envelhecimento em todos os âmbitos.

No âmbito da produção artística e estética, o tema da velhice frequentemente invade as telas de cinema, ou seja, os idosos ganham cada vez mais espaço e se transformam em personagens centrais do cinema. Sua maior presença nas telas proporciona mais oportunidades para reflexão sobre valores, atitudes e práticas sociais em relação ao envelhecimento.

A proposta deste artigo é refletir sobre o tema do amor nos tempos de velhice. O tema provoca diversos debates, pois foi abordado recentemente no filme *Amour* (Amor), do diretor austríaco Michael Haneke¹, que recebeu quatro indicações ao Oscar, consagrado em 2013 como melhor filme estrangeiro. Anteriormente, em 2012, foi premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

¹ O filme *Amour* foi dirigido por Michael Haneke, produzido na Sérvia-Nova Zelândia e lançado em 28 de fevereiro de 2012. Como protagonistas atuam Emmanuelle Riva, como Anne, e Jean-Louis Trintignant como Georges. A trilha sonora selecionada inclui músicas de Johann Sebastian Bach, Franz Schubert e Ludwig van Beethoven.



O filme Amor é um drama interpretado por Jean-Louis Trintignant no papel de Georges, e Emmanuelle Riva no papel de Anne, ambos os atores octogenários no filme e na vida real. O filme retrata a história de um casal erudito, professores de música aposentados, que levam uma rotina normal de um casal idoso em seu apartamento em Paris. Até que um dia Anne sofre um acidente vascular cerebral e assim se inicia sua decadência física e mental. Georges, então, acompanha o gradativo processo de perdas das funções físicas e mentais que o acidente vascular produz em sua esposa. Na trama ele se torna o fio condutor da tragédia pessoal que se abate sobre o casal, buscando todo o tempo não trair a confiança da

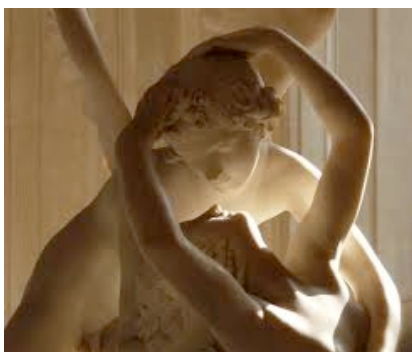
companheira Anne, que pede a ele, desde o início de sua doença, para não ser internada em um hospital ou casa de repouso. O filme intenciona mostrar que o amor de Georges por Anne envolve, antes de tudo, o respeito à sua mulher e suas escolhas, em grande relação de cumplicidade, ou seja, o casal prefere, na medida do possível, manter-se fiel às escolhas e decisões.

Trata-se de um filme denso, com cenas lentas e longas, cujo cenário se restringe ao apartamento do casal. Interessante perceber que à medida que a doença de Anne avança, o ambiente do apartamento se modifica, os espaços são adaptados para a inclusão da cadeira de rodas, da cama hospitalar, fraldas, remédios, soros, enfermagem, enfim, todo o aparato médico que atende às necessidades de uma pessoa idosa enferma.

A maioria das críticas encontradas em sites e blogs sobre o filme Amor trata-o como trama pesada, difícil de digerir, mesmo desesperadora. Talvez porque o filme apresenta formas de amor atreladas à questão do envelhecimento até então pouco difundidas na mídia, ou pelo modo como a trama é apresentada aos espectadores. É curioso como o diretor do filme, logo nas primeiras cenas, antes de indicar os protagonistas, escolhe apresentar num plano geral a plateia de um teatro, em uma apresentação de piano; o efeito da cena é curioso, pois os espectadores do filme ficam frente a frente com os espectadores da plateia do teatro. O efeito de espelhamento de plateias parece conduzir o espectador à ideia de que a história de Georges e Anne, que virá a seguir, pode acontecer com todos nós e levar a refletir como cada um viverá o próprio processo de envelhecimento. Entretanto, o filme não só convida o espectador a refletir sobre as transformações que o adoecimento na velhice ocasiona na vida de um casal de octogenários, mas convida a refletir, conforme o próprio título do filme sugere, sobre um tema atemporal e universal, que é o amor.

Do ponto de vista histórico e filosófico, o tema do amor adquiriu diversas explicações, por meio dos mitos, pelo Cristianismo, até chegar ao modelo contemporâneo. Sabe-se que cada época tem sua modalidade de amor e de relacionamento, e o modo como os costumes e hábitos são produzidos na e pela cultura atravessa décadas e até séculos, naturalizando o que é uma construção histórica. Porém, é importante lembrar que os hábitos e costumes atuais não invalidam nem são superiores aos de períodos anteriores, e sim se constroem, se produzem e se reproduzem de forma processual na cultura.

Desde a Grécia antiga encontramos diversas definições como, por exemplo, no diálogo do Banquete de Platão, considerado o primeiro tratado filosófico sobre o amor, em que os caracteres do amor sexual são sublimados e generalizados, transcendendo a existência humana e adquirindo um caráter sagrado, extramundano e inato. Associado a categorias como o bem, a beleza e a sabedoria, demarca uma amizade estilística regulamentada pelo mundo das ideias (PRETTO, MAHEIRIE e TONELI, 2009).



Não há como se falar de amor sem citar o mito de *Éros*. De acordo com Braz (2005), o universo se fez a partir do Caos, e desse caos surgiram os deuses primordiais, entre eles *Éros*, o deus do amor e da paixão amorosa. *Éros* é o amor que se sente quando se está apaixonado. *Éros* é considerado o responsável pela união amorosa entre todos os seres, aquele que possibilita a procriação de tudo que há no universo, e é considerado o mais belo dos deuses. Com isso, pode-se dizer que ele é a figura essencial para o surgimento da vida no universo, pois a energia do amor é forte e avassaladora.

Esse deus é responsável pela união e ordenação das diferentes forças do universo ou da afinidade universal. Ainda segundo Braz (2005), é por tal mito que se entende o amor como essencial para a realização e plenitude da pessoa, porque é o elemento que preenche de sentido a existência e humaniza as relações, na medida em que abre espaço para o outro junto a si. O amor entendido nesse mito é gratuito, mútuo e incondicional, isto é, independe do que é amado.

De acordo com Pretto e outros (2009), com a ascensão do Cristianismo, essa concepção de amor incondicional ganha força. Submetido a preceitos de fé, o amor cristão busca assegurar a salvação e o paraíso aos sujeitos. Por isso, a ideia de amor incondicional, ou seja, aquele que tudo suporta, considerado sinônimo de sacrifício, abdicção e dedicação. O casamento se configurou, então, como prática socialmente aceita para a realização desse amor, com o objetivo de propagar os filhos de Deus pela constituição da família. Entretanto, a partir do século XII surge o amor cortês como ideia oposta aos padrões e normas estabelecidos pela Igreja, pois na nova configuração a mulher é vista como objeto do amor inalcançável.

Já entre o final do século XVIII e início do século XIX, o amor tem mais centralidade na existência do sujeito, chamado de amor romântico, o qual exerce a função de libertar o sujeito das convenções sociais na medida em que proporciona a cisão entre sujeito e cultura, priorizando a esfera do casal. Araújo (2002) define o amor romântico como encontro amoroso profundo até a raiz da alma, muito diferente da vida conjugal comum. Como ressalta Rios (2008), é a tentativa de se encontrar o êxito numa fórmula amorosa tão ideal quanto impossível.

Portanto, a ideia de amor como atualmente se entende tem raízes no pensamento grego, o qual pressupõe três tipos de amor: *éros*, *philia* e *ágape*. *Éros* se assemelha ao amor romântico, ligado à falta, ou seja, é entendido como aquele amor que busca ser alcançado. O amor *philia* seria traduzido por “amizade”, relacionado ao desejo de (com)partilhar a companhia do outro, querendo o bem do mesmo. E *ágape* é um amor que requer o bem do outro, porém é ideia mais próxima ao humanismo cristão, em que o amor é completamente incondicional, como afirma Oltramari (2009) ao citar Borges.

Segundo Aranha e Martins (2005, p. 247), o que se observa a partir do pensamento dos filósofos gregos é que, ao longo do tempo, a temática do amor tende a agrupar-se ao redor de duas posições fundamentais: o amor como total unidade e identificação e o amor como troca recíproca entre dois seres que preservam a individualidade e autonomia. Assim, o amor tratado pelo filme seria compreendido como troca recíproca que tem por finalidade o bem do outro como seu próprio bem, enfatizando a união e não a unidade, preconizado pelo que os gregos chamam de amor de *philia*.

No filme identifica-se esse amor *philia* intimamente relacionado ao ato de cuidar. Segundo o dicionário Houaiss, cuidar significa *preocupar-se com; interessar-se por; responsabilizar-se por (algo); administrar; tratar; olhar; ter muita atenção para consigo mesmo (exterior e/ou interiormente)*. Segundo o dicionário etimológico, a palavra cuidado vem do latim *cogitare-cogitatus* que significa Cura: *cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse*.



A partir dessas definições infere-se que o cuidado surge quando a existência de alguém tem importância para mim, pois cuidar significa ter atitude na qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo, com atenção e preocupação. É o que Georges faz em relação a Anne: ele a ama quando procura atendê-la em todas as suas necessidades básicas de cuidado: alimentando-a, auxiliando na higiene pessoal e sempre atento às ações das cuidadoras.

Georges ama Anne quando zela pelo seu bem-estar a todo momento, mas ele não está atento apenas aos cuidados com a sobrevivência física de sua esposa, mas zela, principalmente, pela “sobrevivência psíquica” de Anne quando, em diversas cenas, canta com Anne e lhe narra suas histórias de vida. O amor de Georges por Anne preenche todos os espaços do seu dia na dia, e ele assume tarefas que promovem um bem viver para sua companheira.

Freud, no texto *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1980 [1926]: 179), fala da prematuração ao nascer do ser humano que, diferentemente da maioria dos animais, chega ao mundo com a necessidade radical de ser cuidado: “O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que acompanhará a criança durante o resto de sua vida”.

Evidencia-se, deste modo, que desde os primórdios da existência como humanos é vivenciada a situação de desamparo e dependência do outro, perante não só os perigos reais da vida, mas perante a própria vida psíquica como indivíduo. Esse estado primordial de desamparo desempenha papel decisivo na estruturação do psiquismo, que se constitui fundamentalmente na relação com o outro. O ser humano só sobrevive porque o outro o deseja. Essa é, portanto, a origem da necessidade de ser amado e cuidado, perpetuada no ser humano até sua morte.

Pensa-se o amor companheiro, caracterizado por Hernandez e Oliveira (2003), como o processo de aproximação entre os indivíduos, em que apresentam o desejo de se revelar um ao outro compartilhando segredos, valores, fraquezas e esperanças. Verifica-se preocupação profunda e cuidados com o outro, e o “conforto” com relação à proximidade física.

Em relação à intimidade física do casal, é mais bem observada nas cenas que mostram Georges se aproximando de Anne para sustentar sua locomoção, pois remete à ideia de uma sexualidade/intimidade vivida entre o casal, que não se configura apenas pelo ato sexual. É importante considerar a sexualidade, como Moraes e outros (2011) elucidam, tratando a questão como um misto de prazer e amor entre duas pessoas, modo de conhecimento do próprio corpo e do corpo do outro, fortificando os laços de união entre o casal.

Portanto, a sexualidade pode ser vivenciada de forma heterogênea, e comportamentos como um longo abraço, um toque de carinho nas mãos e a demonstração de ternura pelo amado estão intimamente relacionados à sexualidade. Almeida e Mayor, citados por Almeida e Lourenço (2007),

consideram o amor como um conjunto de sentimentos diversos - não apenas o ato sexual - que possui inúmeras formas válidas de se manifestar.

Segundo Aranha e Martins (2005, p. 248), o amor seria caracterizado como sentimento de tranquilidade e ternura, além do reconhecimento das boas qualidades e da aceitação do outro, considerando até mesmo seus defeitos. O amor se assemelha à amizade, diferenciando-se da atração física sexual. A vivência da sexualidade do casal, entretanto, antes do adoecimento, é abordada no filme quando Eva, filha do casal, interpretada pela atriz Isabelle Huppert, revela ao pai que em sua infância ouvia as relações sexuais dos dois, e confessa que isso lhe proporcionava a confiança de que a união entre eles seria eterna e que, hoje, tem admiração por essas lembranças.

Seguindo a ideia, nas primeiras cenas do filme Amor percebe-se que há uma satisfação conjugal entre Georges e Anne, pois o casal tem atividades de interesse comum, como ouvir música clássica e leitura, além de todos os dias compartilharem a mesa para as refeições, demonstrando novamente o companheirismo existente na relação. Entretanto, após o adoecimento de Anne há mudanças na rotina do casal, e conseqüentemente na relação conjugal. Os mesmos não vivem “felizes para sempre”, como se demanda do amor romântico, porém eles vivem para sempre, ou seja, a união se mantém pactuada até a morte de Anne.



Em relação ao amor vivenciado na velhice, uma pesquisa de Norgren e outros (2004), intitulada “Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível”, que teve como objetivo avaliar o nível de satisfação conjugal em casais paulistanos, unidos há pelo menos 20 anos, constatou que o amor é o fator determinante para manter tais relacionamentos, mesmo quando há

insatisfação. A pesquisa demonstrou que todos os cônjuges satisfeitos e insatisfeitos, homens e mulheres, deram o amor como motivo para permanecer na relação. Segundo os autores, a pesquisa confirmou o valor que o amor romântico ainda desempenha na cultura ocidental atual. Busca-se a alma gêmea, a cara-metade e, ao ser encarado desse modo, o amor deixa de ser apenas um atributo importante da relação conjugal, tornando-se algo sem o qual não se vive. Almejando compartilhar a vida com alguém especial espera-se viver feliz para sempre, em relações conjugais duradouras e satisfatórias.

Além do amor companheiro e amor *philia* citados acima, o filme Amor retrata um amor de *philia* entre pai e filha, exercido por Georges. Isso fica mais evidente na cena em que a filha Eva chega à casa dos pais com o desejo de ver sua mãe e Georges, o pai, tranca a porta do quarto de Anne, na tentativa de poupar a filha de se confrontar com a dura realidade de decrepitude de sua mãe.

A ideia de amor permeada ao longo do filme diz de um amor companheiro *philia*, forma de amar muito vivenciada na velhice. Essa definição descreve exatamente o que Georges faz por Anne durante a trama, principalmente quando vai contra a sua filha Eva, no momento em que mesma quer que Anne receba o tratamento no hospital. Georges, apesar de compreender a fragilidade do momento e da piora do quadro no cotidiano, recusa-se a ser tutelado pela filha e pelo genro, e se opõe à ideia, cumprindo a promessa feita à esposa de não interná-la. A recusa de Georges mostra a relação de cumplicidade entre marido e mulher, que continuam juntos e fiéis aos desejos do outro, mesmo diante de uma situação de dificuldade.

O longa prende a atenção do espectador não apenas por ser um filme denso e tratar de questão multifacetada que é o amor, mas por apresentar o sentimento vivenciado numa época específica da vida: a velhice. O filme reflete acerca de como cada um vivenciará seu processo de envelhecimento e/ou como cada um agiria caso se deparasse com uma situação semelhante a que Georges vivenciou.

Muito representativa é a cena final. Diante do citado aspecto multifacetado do amor, apresenta Georges contando uma história para Anne como quem quer fazer uma criança dormir e, em seguida, pratica um ato inesperado, que induz a pensar a condição de vida de Anne, e como tal condição afetou os sentimentos de Georges, demonstrando ser insuportável para ele tamanho sofrimento de sua esposa, que manifestou em algumas ocasiões a vontade de não mais permanecer vivendo daquela forma.

Por mais abominável que seja o ato, há que se compreender o comportamento de Georges diante das circunstâncias apresentadas. O ato reflete sobre a natureza do comportamento de Georges naquele momento: o amor justificaria o “homicídio”? O gesto representaria de fato o mais puro e intenso dos sentimentos? É importante não confundir o comportamento de Georges no filme com o mesmo ato praticado nos ditos “crimes passionais”, em que, por vezes, o companheiro age não diante de verdadeiro sentimento de amor profundo, mas do egoísmo, covardia e insegurança do agente.

E o que dizer do ato seguinte de Georges ao fazer sua esposa “dormir”? Como entender o suicídio naquela ocasião? Para Durkheim (2011, p.168), “quando desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e se mata também quando está por demais integrado nela”. Na classificação do sociólogo, o primeiro caso é o suicídio “egoísta”, e o segundo o “altruísta”. Ainda que o filme não dê subsídios suficientes para enquadrar o ato derradeiro de Georges, insinua o comportamento egoísta deste, pois não enxergaria motivos para continuar vivendo em sociedade após a morte de sua amada Anne.

Atualmente muito se fala sobre envelhecimento ativo e novas formas de se envelhecer, nas quais a saúde deixa de ser apenas questão de bem-estar físico e tem sentido mais amplo, abrangendo o indivíduo em todos os seus aspectos, inclusive no aspecto amoroso.

No início do filme, Anne apresenta ter um envelhecimento saudável e ativo, sempre em atividades que lhe causam bem-estar, principalmente ligadas à música. Ao ser acometida por um acidente vascular cerebral, torna-se completamente dependente de seu companheiro, e isso influencia no modo como a protagonista passa a viver. Quando o “acidente” se soma às mudanças físicas próprias do processo de envelhecer, faz refletir ainda mais: quem cuidará de nós? Aliás, é um dos principais incômodos causados pelo filme pois, a todo momento o casal, indica esta realidade, questionando até onde vai o amor em nome do outro, até que ponto a relação de amor sobreviveria, principalmente nos dias atuais.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2004), a liquidez da dinâmica social atual, fortemente marcada pelo consumismo, torna as relações pessoais mais efêmeras, em que a incessante busca por algo novo não possibilita a vivência de sentimentos que demandam tempo e dedicação, como o amor. O autor utiliza-se do termo “amor líquido” para representar a fluidez de tais relações. O uso do termo tem o objetivo de destacar a fragilidade, a insegurança e a fugacidade que caracterizam os relacionamentos na vida moderna.

Costa, citado por Pretto e outros (2009), corrobora a afirmação de Bauman ao utilizar o termo “tempestade narcísica e consumista” para descrever que a ideia do que é o amor está sendo vendida atualmente, principalmente pela mídia, pela comercialização de imagens e sensações ligadas ao prazer imediato e que ancora a identidade amorosa dos indivíduos.

A partir dessa perspectiva é possível compreender a função dos contos de fadas, que fundam práticas sociais presentes e arraigadas na contemporaneidade. Desde a infância, entra-se em contato com histórias de príncipes encantados e princesas que aguardam a chegada do grande amor; quando esse encontro tão esperado acontece se casam e vivem “felizes para sempre”, modo como o amor é idealizado no mundo atual. Entretanto, o que não se fala nesses contos é o que acontece depois do “felizes para sempre”, ou melhor, as dificuldades que o casal vivencia na relação do “para sempre”, principalmente na idade avançada.



Portanto, o filme Amor impacta o espectador porque expõe exatamente a ideia oposta ao modo como as relações são vividas na atualidade. Além disso, revela um amor vivenciado num estágio avançado da velhice, em que a sexualidade está deslocada para projetos comuns e para uma relação de cuidado. O filme mostra a realidade de um casal que apresenta um laço afetivo permeado por respeito, lealdade, companheirismo e cumplicidade, principalmente diante de uma situação de impotência e de finitude que Georges vivencia com sua mulher Anne.

Esse aspecto o diretor Michael Haneke (2012) enfatizou ao falar sobre seu filme em entrevista para a Euronews (2012): “Alguém sofreu dessa forma na minha família também, para mim foi terrível ficar parado e impotente. Foi o ponto de partida para este filme: como lidar com o sofrimento de uma pessoa que se ama. Tive que pensar como poderia representar e poderia ter feito um filme com um casal de 30 anos com um filho de cinco anos que está morrendo de câncer. Seria o mesmo tema, mas trataria um caso individual. Se abordamos a velhice não é um caso isolado, mas o destino trágico que vai tocar a todos nós”.



Sendo ou não a intenção do diretor Michael Haneke (2012) ao produzir o filme Amor, o drama convoca a refletir sobre o que pensamos e como vivenciamos o sentimento chamado amor. Aponta para uma questão fundamental, que é a necessidade de se recriar novas formas de viver o amor, repensar o significado do outro nas relações amorosas, a noção de felicidade e, principalmente, o amor ligado ao sentimento de gratidão. Portanto, nos dias de hoje, o filme pode ser considerado um presente, pois convida a refletir e revisitar o amor como construído em cada um de nós.

Referências

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M.L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade? Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, v.10, n. 1,2007. Disponível em: http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232007001000008&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 05 abr. 2013.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Temas de Psicologia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005, p. 244-254.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília, v. 22, n. 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893200200020009&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 06 abr. 2013.

BAUMAN, Z. Amor Líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BRAZ, A. L. N. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. Estudos de Psicologia. Campinas, v. 22, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X200500010008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 07 abr. 2013.

DURKHEIM, É. O suicídio. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

EURONEWS. Euronews cinema - De Michael Haneke com "Amour". Youtube, 03 de Setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=XcmmRHNqZcQ>> Acesso em: 07 abr. 2013.

FREUD, S.(1926) Inibições, Sintomas e Angústia. Edição Standard Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud. Trad. sob direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1980, v.20, p.93-122.

HERNANDEZ, J. A. E.; OLIVEIRA. I. M. B. Os componentes do amor e a satisfação. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília, v. 23, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932003000100009&script=sci_arttext> Acesso em: 09 abr. 2013.

MORAES, K. M. et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n4/a18v14n4.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2013.

NORGREN, M. B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. Estudos de Psicologia. Natal, v. 9, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413294x2004000300020> Acesso em: 10 abr. 2013.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 14, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14137372200900040007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 11 abr. 2013.

PRETTO, Z. et al. Um olhar sobre o amor no ocidente. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722009000200021&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 09 abr. 2013.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de narciso. Interface – Comunicação, Saúde e Educação. Botucatu, v. 12, n. 25, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832008000200016&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 abr. 2013.

Data de recebimento: 12/05/2013; Data de aceite: 12/05/2013.

Aline Calisto – Graduanda em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – campus Poços de Caldas). E-mail: aline_zen2008@hotmail.com

Kátia Saraiva - Psicóloga (PUC-RJ), mestre em Psicologia Clínica (PUC-RJ); pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Lazer Cultural, do Laboratório de Desenvolvimento Humano e do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do curso de Psicologia da PUC-Minas, campus Poços de Caldas. E-mail: katiasaraiva2011@gmail.com

Raíssa Santos – graduanda em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – campus Poços de Caldas). E-mail: raissakelen@hotmail.com